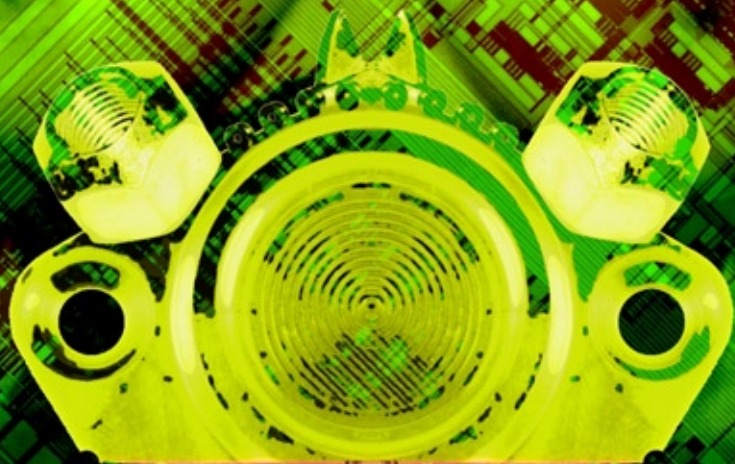


mundo livre s/d
SAMBA ESQUEMA NOISE



recontado por
ANDRÉ GAMMA

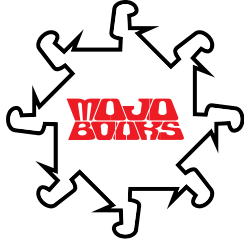


21

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

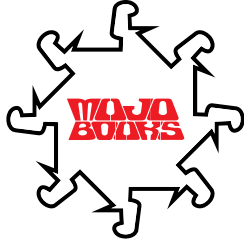
Danilo Corci
organizador



VOLUME 21

SAMBA ESQUEMA NOISE
mundo livre s/a

recontado por **ANDRÉ GAMMA**



VOLUME 21

SAMBA ESQUEMA NOISE
mundo livre s/a

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Abril de 2007

SAMBA

[PLAY/REC]

Vamos lá! Um, dois, três... Já tá gravando? Todos querem saber o que houve comigo, por que desapareci assim do Recife. Vou contar. Moro em uma cidadezinha que nem carece informar o nome. Não passa de dez mil habitantes. Em alguns mapas mais recentes, ela já existe, tá lá o seu nominho estranho. Pois é, eu me escondo! Aqui, a vida parou no tempo. Mergulhei no tédio... Acho que estou ficando velho. Soube desta empreitada de disco/literatura e resolvi contar minha curta história pro André Gamma, grande amigo meu que gosta de escrever. Assim os amigos param de perguntar e procurar. Estou gravando numa fita cassete e vou enviar com o nome fictício de “Luiz”, acho melhor. Nem sei se ele vai colocar esta introdução no livro, acho que não precisa. Peço a você que queime esta fita depois! Fique à vontade para adaptá-la como quiser, dê o seu toque de escritor. Não posso voltar ao Recife. Um dia, fui lá fazer umas compras na cidade, no mercado São José, rever amigos, e pensei em voltar pra ficar de vez, mas não deu. Ficaram marcas. Alguém poderia me pegar





numa emboscada. O caso é que criei raízes aqui na cidadezinha e vivo uma vidinha regular, envolvido na mesmice, engordando e sempre lendo algo. Levo uma existência sedentária; sou um deficiente físico e não entro mais em depressão. Me conformei — são coisas da vida e pronto. Tentei, sim, o suicídio, porque não nasci assim, numa cadeira de rodas. Deram-me livros de autoajuda e recebi tratamento psicológico numa cidade próxima. Tive de me adaptar aqui, apesar de amar o Recife — suas ruas, viadutos, becos, pontes e rios cortando a cidade como veias correndo vida. Mas, agora, de nada adianta mais... O carnaval, o Alto da Sé, em Olinda, as lembranças... O vinil velho está lá encostado ,junto a outros... *Samba esquema noise*, a trilha sonora de minha jornada clandestina. O motivo de minha fuga e exílio foi mulher. Ah! Se dizem que ela fodeu Adão, também me deixou em uma cadeira de rodas... Quando a casa caiu e me sucedeu tudo de terrível, vim com minha mãe morar aqui neste fim de mundo. Preferia esquecer tudo o que houve, mas continuo impregnado pelo passado. Vez ou outra fumo um baseado, do bom, a mangarosa, erva daqui do sertão, do Vale do São Francisco — um amigo meu que traz pra mim. A maconha é minha única diversão, além da masturbação. Eu era um caretão, não pegava nada, nem em cigarros. Hoje, puxo a erva pra iludir o tédio. Vale a pena contar

e escrever essa epopéia fracassada de amor. Não dizem que a história de todo mundo dá um livro? Sou livre com meus pensamentos e com eles vou aonde quiser. Ali estou eu, cabelos lisos e bem cortados, meus olhos esverdeados escondidos pelas lentes dos óculos de grau, magro e sempre andando rápido. Dependia apenas das minhas pernas pra andar, não da merda da cadeira de rodas. Estava indo em direção ao banco na Praça do Diário fazer pagamentos. Trabalhava como *office boy* e o horário estava quase esgotado — faltavam apenas três minutos pra fechar o banco. Tinha de correr, pois a culpa seria minha caso não sobrasse tempo pra pagar os débitos da empresa. Saí cedo com os afazeres da firma e não havia desculpas pra dar ao chefe. O problema foi a tal Wânia, a mulher com o W maiúsculo... Atravessei a mil por hora a Avenida Dantas Barreto, com passos acelerados, estalando os ossos das pernas, e passei a todo vapor pelas prostitutas da praça, taxistas, repentistas e emboladores, vendedores ambulantes de vale-transporte, relojoeiros...

A multidão de pessoas circulando era grande, tive de driblar seres humanos.

— Opa! Dá licença! Com licença! Sai da frente!

Tive de parar pra atrevar a avenida. Deu-me uma agonia e vontade de avançar com tudo no asfalto preto pra que os cole-





tivos freassem cantando os pneus... O desespero me apertava e o coração começava a bater forte, porque, dessa vez, seria demitido mesmo. Sem “boquinha”! Não seria a primeira vez que deixava de efetuar pagamentos por falta de tempo. Sempre saía com muita coisa pra fazer, justamente pela falta de experiência e por ser um novato no emprego de contínuo (“trabalho, trabalho novo, trabalho, trabalho novo”). Uma vez sobrou uma conta a ser paga no dia seguinte, com juros e correção. Logicamente, isso deixou o patrão putado da vida! Foi quando levei uma chamada decisiva no final do expediente, desses esporros que funcionário no primeiro emprego leva, de ir chorar no banheiro. A primeira vez que atrasei um pagamento, o patrão quase me mandou embora. Dona Fátima, secretária do chefe, parecia não gostar de mim na firma. Queria colocar um sobrinho dela. Mas ele foi substituído pela minha indicação mais forte — de um tio rico conhecido do “hómi”. Ao chegar à sala da secretária, recebi seu olhar agudo e direto nos meus olhos, lançando a pergunta que teria a resposta mais curta e cínica.

— E aí? Pagou os impostos?

Na verdade, tinha ficado preso no Itaú pra pagar um seguro caríssimo e importante e por isso não deu tempo de debitar os impostos. Com cara de bunda azeda, respondi com um travo na

garganta:

— Não deu tempo...

Prontamente, Dona Fátima digitou o número do ramal do chefe.

— Doutor Ranielle, o Luiz não pagou os DARFs!

Consegui ouvir o chefe blasfemar, entupido de cólera. Dona Fátima até afastou o fone do ouvido, olhando pra mim com uma cara de “tá vendo?”. Ela pediu com exagerada gentileza pra me dirigir à sala do chefe. Foi exatamente depois desse esporro que fui chorar no banheiro, humilhado! A próxima seria demissão. Essa Fátima era uma sádica! O patrão, Ranielle, descendente de italianos, não aliviava. Demitia por nada, como sempre fazia, e carimbava justa causa por qualquer erro que fosse considerado grave. Um funcionário o colocou na justiça e misteriosamente apareceu morto. Era um agiota rico e temido. Ainda não tinha demitido a Dona Fátima porque diziam que ele sempre dava umas saídas com a secretária de bunda enorme e dura, apesar dos quarenta anos.

Mas eu dependia do emprego, não podia reclamar! Não foi daquela vez que fui demitido, mas outro vacilo seria fatal. Por isso atravessei a outra avenida, a Guararapes, com todo desespero do mundo, atropelando vento e pessoas. Sabia que naquele banco



eu não entraria, porque da última vez que aconteceu um atraso, tive de implorar pro vigilante chamar um funcionário do banco, pra falar com gerente, que não me deixava entrar. Só depois de muita insistência fui liberado — e foi no mesmo banco. Cheguei e o vigilante, com cara de poucos amigos, barrou-me na porta giratória.

— Já deu o horário, *boy*, tu não sabe? Quatro e quinze já, seu doido!

Meu desespero falou mais alto. Eu teria de entrar de todo jeito, não podia perder meu emprego.

— Cara, pelo amor de Deus! Deixa eu entrar! Vou perder o emprego... Eu sustento a casa! Quebra meu galho aí!

Tentei apelar, mas o vigilante, seco e direto, nem se mexeu. Disse:

— Problema teu, rapaz! Se eu deixar tu entrar, complica pra mim, cara!

“Filho da puta”, pensei. Mas tinha de insistir, pois eu seria demitido, e Dona Fátima teria a chance de colocar o “peixe” dela no meu lugar.

— Cara, por favor! É imposto! Pode ao menos chamar um gerente ou uma funcionária?

O vigilante foi novamente direto e negativo em sua resposta,



o que me encheu de cólera.

— Tenho ordens de não chamar ninguém, sinto muito!

Filho da puta de novo! Se pudesse chamá-lo de filho da puta, chamaria, mas o vigilante era enorme. Lembrei das contas pra pagar e da perda do meu empreguinho... Não tive mais dúvidas... Em uma solução desesperada e suicida, invadi o banco, tentando passar a todo custo pela porta giratória. Tentei forçar a porta pra entrar, furando o bloqueio bancário. Logicamente, os vigilantes logo vieram.

— Tu tá louco, *boy*? Pirou?

Um dos homens fardados de azul me pegou por trás, tentando me imobilizar. Eu, em uma virada hábil, consegui me safar, escapando, e penetrei no banco correndo direto pra sala onde se aglomerava a enorme fila — porque lá eu faria um escândalo diante dos caixas, do povo, dos funcionários e da gerente, a quem já conhecia de vista. Mas os vigilantes correram atrás — um chegou até sacar o revólver, mas não atirou —, e o movimento virou pânico na agência. Pensaram que era assalto quando apareci no saguão com os vigilantes correndo e gritando:

— Pára! Pára, porra!

A multidão, apavorada, deitou-se logo no chão, e os funcionários acionaram o alarme anti-assalto. Na fila dos idosos, muitos



passaram mal, e uma senhora desmaiou. O homem fardado de azul, com arma em punho, gritou. Eu já estava mais do que encrencado — e desesperado.

— Deita no chão, porra! Bora logo, deita! Mão pra trás!

Outro vigilante apaziguou o engano pros clientes do banco:

— Calma, gente, não é assalto não! É só um doido que tentou desrespeitar o horário do banco e invadiu a agência! Calma! Podem ficar tranquilos, está tudo sob controle.

A gerente chata, mas muito da gostosa, logo veio e pediu pra chamar a polícia. Levaram-me para uma sala e lá fiquei aguardando, sob a vigilância de um dos guardas, chorando de susto e vergonha. Eu tentava sensibilizar o vigilante aos soluços e lágrimas:

— Poxa, cara... Eu não fiz nada... Por que chamar a polícia? São esses pagamentos que tenho aqui na mão, olha... Eu vou ser demitido. Me ajuda, cara... eu sustento a casa...

O guarda pediu pra ver os pagamentos e entreguei a ele, cheio de esperança... Ele saiu sem nada dizer. Voltou cinco minutos depois com a gerente. Era uma mulher branca, alta, de longas pernas, olhos azuis e maquiagem carregada — parecia aquelas louras de filme americano e tinha semblante sério. Ela chegou com os dois vigilantes. Me viu chorando e perguntou:



— Você trabalha onde?

— Com o Dr. Ranielle, na financeira.

— Sei. Mas por que você fez isso? Essa loucura de invadir a agência assim? Você acha que está num filme, garoto? Você se deu conta do pânico que causou?

— Desculpa, dona, é que eu vou ser demitido se não pagar os impostos!

A loura parecia ser muito sensata, respirou fundo e soltou o ar cansado do fim do dia. Liberou um sorriso do tipo “é cada uma que acontece” e disse ao vigilante:

— Ok! Leve esses pagamentos direto ao caixa!

Que alívio! Até sorri. Ela olhou pra mim e disse:

— Fica tranqüilo que a gente não chamou policia, não! Foi só pra te dar um susto mesmo! Agora me conta... Por que se atrasou?

Não falei a verdade pra gerente. Invennei qualquer coisa: o trânsito, a fila do outro banco... Ela rebateu, decisiva:

— Da próxima vez que se atrasar, não quero nem ver a sua cara aqui, viu? Tão aqui os seus pagamentos!

Mas quer saber? A causa do meu atraso foi Wânia, uma linda mulher que conheci no horário de almoço, na fila quilométrica do cinema. Ela estava só e era a última. Fingi entrar na fila, pois



estava indo almoçar. Logicamente que não tinha planos de assistir ao filme, estava trabalhando, mas puxei assunto...

— Será que esse filme é bom?

Ela se virou a fim de ver quem tentava puxar assunto com ela e respondeu com simpatia:

— Ainda não assisti. Só vim pra não perder o convite que ganhei...

Ela era muito bonita. Morena bronzeada, cabelos cacheados, seios fartos, cintura bem definida e pernas bastante grossas, de chamar a atenção. Seus olhos eram esverdeados, e, dependendo dos raios solares, suas íris variavam de cor. Sua boca era carnuda e muito bem desenhada. Um tesão de mulher.

— Mora onde? — perguntei.

— Moro numa favela triste! Coque, conhece? Pertinho daqui!

Respirei fundo, sabia bem do perigo da localidade. Ela devia ser a rainha do Coque, com certeza. Perguntei o seu nome, nem acreditava que estava trocando idéia com uma mulher tão fascinante. Eu não estava nem aí pra nada, sabia dos afazeres de trabalho, do horário do banco, do risco de ser demitido caso atrasasse os pagamentos, mas, no final, valeram a pena o atraso bancário e a confusão formada dentro da agência da Praça do



Diário, pois fui assistir ao filme com Wânia em pleno horário comercial!


Belisquei-me várias vezes pra saber se estava sonhando. O filme era longo e conversamos bastante. No escuro do cinema, muitos pediam silêncio, irritados. Quando ela cruzava as pernas, a luz azul do projetor iluminava seus pêlos dourados de sol. Eu ficava tonto de tesão, e estava ereto. Wânia era “a mulher”, e minha vida ganhava outro destino. Agora teria de trabalhar dobrado, cursar uma faculdade, ser gente na vida para sustentar a mulher mais linda do mundo. Teria de tirar ela do Coque, alugar um apê pra morarmos juntos, fazer sexo todo dia... Até filhos teria com ela... Fazer mais fé na mega-sena.

O que ela fazia sozinha no cinema? Como deveria ser a sua vida no Coque? Disse que tinha namorado, mas estava quase terminado porque ele a havia traído... Eu notava que ela ainda gostava dele, mas estava carente. Quem seria o namorado dela? O filme terminou às três da tarde... Sai voando pro banco. Pelo menos peguei o número do telefone dela.

* * *

Wânia tinha dito no cinema onde sempre se bronzeava: Praia





do Pina. Foi num feriado, acho que era o dia da Proclamação da República. Queria fazer uma surpresa, chegar de sopetão... Em nossas conversas telefônicas, obtive a informação quase exata de onde a rainha do Coque gostava de ficar exposta na praia. Fui sem avisar, queria vê-la de biquíni. A Praia do Pina estava entupida de gente. Sentei calmamente na areia e fiquei esperando ela sair do oceano azul pra cacete. Pensava comigo: "Eu não vou sair daqui sem ver ela sair da água, não vou!". Mas ela não saía nem a pau. Perdi a tarde inteira observando ela de longe, conversando com uma amiga, com metade de seu corpo submerso na água salgada do mar. Eu já estava com câimbra no corpo. Ela se movimentou para sair.. Meu coração bateu, olhos atentos, expectativa no coração... Seu corpo revelou pernas finas e barriga com vários "pneus". Não era a sereia que eu aguardava! Wânia tinha lindas pernas grossas e corpo bem definido... Empreendimento fracassado e horas perdidas. Que merda!

* * *

Na manhã seguinte...

— Boa tarde, Luiz! Qual a desculpa de hoje? Trânsito? Caganeira? Mãe doente? Doutor Ranielle o espera, irritado, na sala

dele!

Sempre fazia uma fezinha no concurso milionário da TV local, no qual aparecia uma linda deusa de saia curta expondo as pernas, com um sorriso interminável nos lábios e girando um globo com milhões de bolinhas brancas. Ela tirava os números que poderiam formar o meu. Absurda coincidência! A qualquer momento me tornaria o mais novo barão do Recife. Arquitetava mil e um planos, comendo dez cópias de Wânia em um cruzeiro atravessando o Atlântico, meu paladar regado a iguarias e meus sonhos se concretizando em uma volta no mundo. Até Dona Fátima me bajularia. E o Sr. Ranielle me convidaria para ser o seu novo sócio. Eu ia mandá-lo tomar no cu!

Mas o balão de sonhos se apagou em minha caixa pensante. Fui à sala do patrão, levei a chamada e não quis nem saber dele. Liguei logo para Wânia, queria vê-la!

— Wânia! Sabe quem fala?

Ela, em um estalo de adivinhação, respondeu:

— Luiz?

Que alegria, ela já reconhecia a minha voz! Marcamos à noite pra andar pela cidade. Nos encontramos em frente ao cinema São Luiz, onde nos conhecemos. Ela estava linda, como sempre, cheirosa e de batom brilhante nos lábios. Meu coração batia como



tambor de maracatu. Eu não tinha carro e nem apartamento próprio para levá-la pra conhecer — só uns trocados. Meu saldo na conta salário era zero vírgula zero zero zero vírgula zero zero zero vírgula... Pegamos a Avenida Conde da Boa Vista e fomos devagar, conversando despreocupados, quase sendo atropelados pelo povo que mergulhava no horário de pico. Entramos na Rua 7 de Setembro, e lá ficava o ambulante chinês vendendo macarrão frito... Pedi dois. O china sempre perguntava:

— Co camalon o sen camalon?

Wânia estava faminta, como eu. Comemos e, no final, já estávamos de mãos dadas. Fomos direto para o Parque 13 de Maio pra namorar como dois adolescentes. Seus beijos eram extremamente ardentes, e como ela tava de calça, não pude sentir a suas belas pernas. Estava hipnotizado. Estar com Wânia era um sonho concretizado. Se tivesse dinheiro e um automóvel, a levaria para jantar em um restaurante de “reponsa” e depois pro melhor motel. Ficamos até tarde da noite namorando e conversando amenidades. Eu era dela! Estava nas mãos de Wânia! Era o rapaz mais feliz do Recife!



ESQUEMA

Eu tinha um grande amigo de infância chamado Ró, surfista mediano. Ele trabalhava em uma lanchonete na Conde da Boa Vista. Gostava de maconha e não incomodava ninguém. Eu ainda não fumava nada, não gostava nem de beber. Segundo sua mãe, seu defeito era só ser “raparigueiro”, mulherengo... Ró não podia ver mulher. O rapaz dos cabelos entupidos de parafina era muito amigo do traficante Bira, administrador de uma movimentada boca de fumo nos Coelhos. Falei de Wânia pro Ró num *show* no Pátio São Pedro, e ele sabia bem quem era ela:

— Oxe, Luiz! Eu sei quem é essa doida! Sai dessa, pô! Ela é mulé de traficante, é mulé de Bira! Tu quer se fuder, é cara?

Bira também era cheio de mulher, e o infeliz que se metesse com suas namoradas, comia bala! No local onde atuava, não deixava ninguém perturbar e ajudava os necessitados com cestas básicas, para ganhar simpatia. Tipo o mito de Lampião, que dizem que tomava dos ricos e dava aos pobres. Meu amigo Ró, envolvido no esquema clandestino, conseguia de tudo lá dentro do Coque e dos Coelhos: relógio bom, uísque importado,





TV, som... Comercializava a maconha manga-rosa apenas pros amigos mais chegados e os garotinhos burgueses de Boa Viagem — e ganhava muita grana. Já tinha carro e moto. Eu pensava em entrar no esquema, só vender para os mais conhecidos, ganhar mais grana, porque teria de sobrar dinheiro pra sair com Wânia. Eu e Ró sempre estávamos juntos, pois o surfista gostava muito de música, e eu arriscava algumas críticas em sites especializado de rock. No meu aniversário me deu de presente um LP recém-lançado do Mundo Livre S/A: *Samba esquema noise*.

— É a sua cara, Luiz. Essa galera é nova, é daqui do Recife, tu vai pirar!

Eu estranhei, coloquei na agulha de meu passa-disco Gradiente e foi uma sensação estranhamente agradável aos tímpanos: samba quebrado à Jorge Ben, voz rouca de malandro, guitarras cheias de groove, variações lisérgicas, inquietude, experimentalismo e a extração de uma sonoridade única. Era um disco esquerdista. As letras falavam do Recife, da arrogância e vícios do seu povo, do platonismo, do inconformismo, da alienação, da clandestinidade, da luta pela sobrevivência, do desejo quase impossível de progredir. Esse era “o disco” que começou a regar sonoramente minha vida. Era como droga boa que viciava.

Reproduzi o LP em cassete e levava a fita Basf pra praia,

jogava no gravador ligado às duas enormes caixas de som feitas manualmente por Ró — passávamos a tarde jogando conversa fora ouvindo o barulho do mar e do “samba esquema noise”. Mas algo deu errado na vida de Ró. Ele estava indo trabalhar e um Chevette preto, de vidros escuros, encostou.

— Entra no carro, porra!

Assim informou uma testemunha que passava no local. No dia seguinte, acordei cedo para trabalhar. Já estava atrasado e, em pé no ônibus, li a notícia na manchete do jornal no colo do senhor:

“MORTO DEGOLADO POR NAMORAR MULHER DE TRAFICANTE”

Lá estava a foto de Ró, o 3x4 do seu RG e outra imagem de sua mãe chorando. Pedi o jornal emprestado e li com os olhos encharcados. O nome da mulher que Ró namorava era Wânia. A matéria informava que Ró fora pego em uma emboscada, levado para um barraco, torturado até a morte e, tudo indicava, fora degolado por Bira. Eu descobria o que havia por trás de uma bela mulher. Nesse dia quase não tive condições de trabalhar.

E onde eu estava me metendo? Poderia ser degolado! O Bira não aliviava; apesar de sua boa conduta no local, era cruel com suas vítimas. Já fugiu da Paraíba e era procurado pela polícia.



Foi considerado o terror do Alto José Bonifácio e Bomba do Hemetério.

Cheguei em casa abatido com a perda. Na manhã seguinte iria para o seu velório, no cemitério Santo Amaro. Minha mãe já tinha visto a matéria no programa policial do meio-dia.

— Oi, filho! Como foi seu dia? Soube que mataram aquele seu amigo, tá vendo? Foi se meter com o que não presta! Cuidado, meu filho, não quero você andando mais com esses tipos. Tu tem um nível melhorzinho! Era pra você tá fazendo faculdade, ter estudado um pouco mais. Apesar da crise, quando seu pai era vivo, nunca deixou faltar nada, tu sempre estudou em colégio de rico!

Estava muito triste, mas, apesar de tudo, não tirava Wânia da cabeça! Como ela deveria estar? Onde estaria? O telefone tocou.

— Alô?

A voz era inconfundível. Era Wânia do outro lado da linha, chorando.


— Luiz... estou muito constrangida com o que aconteceu... Sabia que ele era seu amigo. Fiquei com ele porque estava carente, o Bira soube...

Não precisava falar mais nada. Já sabia que ela tinha ficado

com Ró. Em meio a soluços de choro de mulher, ela dizia que queria me ver no dia seguinte. Seria burrice de minha parte encontrar Wânia, estaria assinando meu atestado de óbito. Mas pensava mais em Wânia do que em meu amigo morto! Era absurdo! Marcamos em frente ao cinema São Luiz novamente. A madrugada foi um inferno de insônia. Liguei a TV, e a falta de sono me prensava contra a noite. Nos canais televisivos por que passava encontrava um pastor vendendo terrenos no céu e mostrando exemplos de perseverança de quem aceitou Jesus e hoje está muito bem de vida. Mudava o canal e outro pastor aparecia... Deixei rolar, com preguiça de levantar para mudar de canal... Meu tédio e minha insônia traziam flashes de Ró surfando na praia de Del Chifre, trabalhando como balconista, vendendo suas “iguarias” do São Francisco... E Wânia, Wânia, Wânia, Wânia... Minha cabeça girava igual carrossel em volta daquelas coxas... Minha mão trabalhava no meu pênis, meu corpo magro deitado num sofá, respirando ofegante... Tinha muito desejo pela mulher do W mais maiúsculo do Coque. O pastor desligou o Cristo eletrônico, a lavagem cerebral já tinha terminado e meu sono não chegava... A quinta-feira desceu nublada. Dormi meia hora.

Acordei com um despertar violento ouvindo os gritos de pavor do Ró sendo degolado por Bira. Foi um pesadelo. O relógio badalava sete e meia da manhã, já estava atrasado!





À noite, nos encontramos. Wânia me abraçou forte e chorou. Eu estava dopado de paixão. Pegamos a Conde da Boa Vista e entramos na Rua do Hospício. Assistimos a um *show* do projeto seis e meia. Minha consciência pesava toneladas de remorso. Meu amigo fora assassinado de forma cruel, por causa de Wânia. E eu com ela, assistindo a uma apresentação musical no Teatro do Parque. Ela parecia nem ligar para o que aconteceu. Eu estava em silêncio, quase nada falava. Apesar de estar ao lado da mulher de meus desejos platônicos, só pensava no amigo morto pelo motivo que estava a meu lado. Seria eu o próximo?

— O que você tem, Luiz? Tá calado, que bicho te mordeu?

Eu em silêncio, o *show* de um roqueiro dos anos 80, apresentação desplugada, voz e violões... Ele cantava “Vida Bandida” pra encerrar e pedirem o bis... Wânia me beijou no pescoço, passeando a língua em minha nuca e dizendo:

— Ah, Luiz! Não fica assim! Isso acontece! Vai viver a vida triste? Eu mesma não posso me culpar por isso! A vida tem de continuar! Eu não tenho mais nada com o Bira!

O Bira dava de tudo pra Wânia: roupas caras, perfumes importados, pagava academia, boa mesada, feira pra família dela. Meu melhor amigo morreu por causa dela, e a mulher nem aí! Estava decidido a cair fora. Não queria ser degolado vivo. Levantei-me:

— Vamos?

— O que tu tens, Luiz? O Bira não faz mais parte de minha vida!

Já fora do teatro, ela me puxou e lançou um longo beijo com sua boca carnuda e fatal para um pobre coração. Já não era mais eu, e sim um escravo de sua beleza envolvente. O hotel Barão de São Borja nos esperava. Não lembro o número do quarto, de que importa? Tirei sua roupa, peça por peça, estava tão tenso que meu pinto estava encolhido. Ela mergulhou a boca carnuda na ponta vermelha do meu pau. Fazia uma massagem gostosa com a língua no pênis. Estava com um pé no paraíso e outro no inferno. Iniciei uma exploração em seu corpo com o meu paladar. Seu W realmente era maiúsculo. Não pensei nem em camisinha. Que loucura!

— Eu tomo remédio.

Não quis nem saber! Mordi sua bunda enorme, passeando a língua até a terra de ninguém. Seus seios fartos me sufocavam de prazer. Imaginava os gritos de Ró, pensava no dia que a conheci no cinema... Agora já era tarde, estava nas mãos de Wânia. Beijava suas pernas e sentia os seus pêlos dourados de sol tocando meu rosto. Wânia testava as mais variadas posições. Mordia, arranhava, estava possuída. Senti até medo misturado com tesão. Era de enlouquecer. Por isso Ró morreu por ela.



NOISE

Nessa noite cheguei em casa e consegui dormir. O telefone tocou, quebrando o silêncio da madrugada. Acordei assustado e atendi.

— Alô?

Uma voz em prantos implorava minha presença.

— Luiz, sou eu, Wânia! Pelo amor de Deus....

Ouvia outra voz do outro lado da linha. Gritava interrompendo a de Wânia... “Fala logo sua puta!” Notava que ela estava apanhando. Falei pausadamente:

— Calma, Wânia, pode falar. Respira fundo...

Ela, chorando, me fez um pedido louco e quase impossível. Tudo parecia um pesadelo.

— Tu tem que vir aqui, Luiz. Tô amarrada... Ai, Bira, pára porra! Isso dói, merda!

A ligação foi terminada. Fiquei louco, o coração a mil. Como ele descobriu? Novo toque. Atendi... Uma voz masculina rouca fala no meu ouvido:

— Escuta aqui, boy, tu quer me fazer de palhaço, é? Tu e

essa puta que eu vou matar se tu não chegar aqui até às sete da manhã! Seu filho da puta! Botei um vigia atrás dela, seu porra! Vocês foram para o motel. Escuta aqui... Até às sete da manhã. O rapaz do boné preto vai te esperar na entrada dos Coelhos.

Tentei falar, mas a ligação foi cortada. Tocou novamente e dessa vez era a voz de Wânia, entre soluços de choro:

— Luiz... não venha...

— Sua puta! Me dá essa merda!

— Wânia?

— Wânia um caráleo! Sou eu de novo, o Bira! A cada hora que tu se atrasar, eu tiro um pedaço dela. Vou pintar miséria com essa puta! Se tu chegar aqui, eu solto ela e tu leva ela pra onde tu quiser, vai viver com ela, mas quero saber se tu a ama de verdade! Meu funcionário do boné preto vai te guiar até aqui!

Ligação encerrada, sem chances de expressar minha opinião: Não ir, só se eu for otário! Mas o Bira era cruel. Ele mataria a Wânia e acabaria comigo. Esperei o dia amanhecer. O que fazer? Deixar Wânia morrer? Não tinha nenhuma arma. Poderia invadir os Coelhos, matar Bira e roubar Wânia. Cinco horas da matina saí e pedi emprestado o revólver do vigilante, grande amigo meu. Peguei o primeiro ônibus que saía do terminal. Cheguei na boca do Coque, e o rapaz do bonezinho preto já me esperava com seu



sotaque paulista. Eu estava anestesiado de amor por Wânia. As ruas eram estreitas, entrava em beco e saía de beco. As pessoas me olhavam de um jeito que dava um frio nas entranhas.

Wânia era a bola do jogo. O barraco do Bira era longe. O cara do boné preto conhecia todo mundo.

— Bom dia, dona.

A zona já era proibida, o local bastante escondido. Tudo era sinistro, parecia até uma floresta escura sem volta. O rapaz abriu a porta e vi Wânia amarrada em uma cadeira, toda inchada de porrada, queimada com ponta de cigarro, um olho furado e um corte horrível no rosto feito com ponta de faca em brasa. Filho da puta! Fiquei apavorado. Ele roubou a beleza dela! O Bira, homem tatuado, forte, olhos de doido, dentes de ouro e várias guias do Candomblé no pescoço, apontou pra mim e disse a um dos caras:

— Tira a arma dele!

Eu tinha até esquecido que estava com um revólver. Levei uma porrada nas costas, mas não desmaiei. Puxei a arma, apertei o gatilho: pipoco seco e projétil de prata lançado na testa do traficante querido e cruel. Agora sim, fodeu tudo! Bira caiu de olhos abertos e não levantou nunca mais.

— Corre, Luiz! — gritou Wânia. Mas, antes de correr, a

libertei.

— Vamos embora, Wânia!

Eu chorava de medo. De repente, um dos comparsas meteu bala e me joguei com Wânia no chão do barraco — minhas mãos ficaram encharcadas do sangue dela, da rainha do Coque. Um tiro certo no seu coração! Ouvi alguém berrando e apontando para mim:

— Ele matou o Bira e a Wânia!

Bira, o homem mais temido da localidade, que doava cestas básicas e malandro nenhum perturbava por lá; Wânia, a mais desejada do Coque! Joguei a arma fora e corri muito mais do que no dia que cheguei atrasado ao banco.

— Ele matou Bira e Wânia!

Como fugir? Eram muitas entradas e becos estreitos. As balas comendo soltas, todo mundo fechando as portas e eu derrapando nas esquinas dos barracos. O rapaz do boné preto apareceu na minha frente, não sei nem de onde. Inexplicavelmente, estava disposto a ajudar e me mostrou a saída.

— Por ali, garoto, você sai logo na avenida. Você me prestou um grande favor, serei o dono da boca!

Corri! Mas não sei se foi o próprio cara do boné preto que atirou. Senti uma coisa gelada e quente ao mesmo tempo nas



costas. E sangue... Continuei correndo, correndo, minha vista escurecendo, meus sentidos se perdendo... A imagem de Wânia, de minha mãe, de Ró... Flashes piscavam em minha mente... Já estava no asfalto, deitado, uma dor insuportável queimando por dentro... O mundo se apagando, pessoas ao meu redor, vozes...

— O menino tá vivo! Chama o resgate!

Acordei no Hospital da Restauração. Uma cirurgia de urgência e a notícia que me tornaria um paraplégico pelo resto da vida. As noites ainda seriam longas naquele hospital. Na madrugada do terceiro dia internado, foram até a UTI e meteram bala, atingindo minha perna e um de raspão no meu peito. Eles fugiram, achando que tinham terminado o serviço, e eu fui submetido a uma nova cirurgia. Minha mãe gritou e conseguiu minha transferência. As ameaças foram muitas, o número do telefone foi mudado e eu fui enviado pra essa cidadezinha em que estou até hoje. A revolta foi grande pela morte de Bira e Wânia. Ninguém entendeu e não acreditaram que eu só matei o Bira por instinto. Não devia ter ido salvar Wânia. Foi culpa dos filmes a que assistia na TV. Quando escapamos da morte, o preço de viver fica mais alto. Deficiente físico, distante do Recife e sem Wânia... A mulher do W maiúsculo. Não devia ter me envolvido, mas não esqueço a noite em que fizemos amor, suas pernas, seus olhos, sua boca,



seu sorriso largo, seu rosto marcado com o profundo corte aberto pela ponta da faca do Bira, a bala que mandei, de um calibre .38, na cabeça dele, as tardes ouvindo Samba esquema noise com Ró, meu trabalho chato, o tiro que levei pelas costas, meus lexotans, antidepressivos, masturbação, insônia, maconha do Vale do São Francisco, minha cadeira de rodas, meu LP do Mundo Livre... Ah... Wânia, Wânia, Wânia, Wânia, Wânia, Wânia, Wânia, Wânia, Wânia! A fita tá acabando. Vai acabar. Acabou. Acabou...

[STOP]

FIM



SOBRE A BANDA

O Mundo Livre S/A nasceu no Recife (PE), em 1984, fruto dos restos das bandas *punks* Trapaça, Serviço Sujo e 101. O nome veio do personagem de TV Agente 86, que fazia diversas apologias ao mundo livre. Fred Zero Quatro, vocalista do grupo, foi o autor, juntamente com Renato L. e Chico Science, do manifesto *Caranguejos com Cérebro*, marco do Movimento Mangue, que pregava a universalização/atualização da música pernambucana. Por isso, o Mundo Livre foi considerada uma das principais bandas do movimento Manguebeat, estilo que revolucionou o *pop/rock* brasileiro na década de 90, sendo “samba esquema noise” um disco seminal desta nova linguagem musical.

CRÉDITOS ORIGINAIS

SAMBA ESQUEMA NOISE — MUNDO LIVRE S/A

Design e fotografia por Renato Yada

Lançado em 1994

Selo: Bangüela Records

Produzido por Charles Gavin e Carlos Eduardo Miranda

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.manguebit.org.br/mlsa/

SOBRE O AUTOR

André Gamma é escritor, poeta e crítico musical. Mora no Janga, bairro litorâneo de região metropolitana do Recife. Trabalha com representação comercial, mas se pudesse viver exclusivamente de música e literatura, mandaria seu trabalho pelos ares. Mantém dois *blogs*, um de resenhas musicais www.discoterapia.zip.net e outro de poesia www.poesiafunclube.blogspot.com. Dentre várias histórias que escreveu, está o livro *A bela do morro*, que lançou gratuitamente na Internet.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

21 SAMBA ESQUEMA NOISE

MUNDO LIVRE S/A

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. MANGUEBIT
2. A BOLA DO JOGO
3. LIVRE INICIATIVA
4. SALDO DE ARATÚ
5. UMA MULHER COM W... MAIÚSCULO
6. HOMERO, O JUNKE
7. TERRA ESCURA
8. RIOS (SMART DRUGS), PONTES & OVERDRIVES
9. MUSA DA ILHA GRANDE
10. CIDADE ESTUÁRIO
11. O RAPAZ DO B... PRETO
12. SOB O CALÇAMENTO (SE ESPUMAR É GENTE)
13. SAMBA ESQUEMA NOISE

